

— Vovô Cláudio, pois o senhor não me conhece mais?

Impossível seria descrever o que se passou.

Esqueci, por momentos, os estudos que me impusera a fazer; olvidei os quadros daquele ambiente, que provocavam curiosidade e pavor. Meu espírito respirava o reconhecimento sincero e o amor puro; e, enquanto as miseráveis entidades emuradas na usura gritavam, revoltadas, umas, e riam outras à sorrelfa, incapazes de compreender a cena improvisa, eu, amparado por Calderaro, que também enxugava lágrimas discretas, diante da comoção que me assaltara, sustentei meu avô nos braços, como se transportara, louco de alegria, precioso fardo que me era doce e leve ao coração.

## XIX

## REAPROXIMAÇÃO

Quando Cipriana regressou, em companhia dos demais amigos, encontrou-me banhado em lágrimas, e ouviu a estranha narrativa de meu avô semi-lúcido. Esboçou complacente gesto e disse, bondosa:

— Sabia, André, que não terias vindo para nenhum resultado.

Em rápidos minutos descrevi-lhe a ocorrência, prestando-lhe todos os informes sobre o passado.

A diretora ponderou, serena, a minha digressão através do pretérito e obtemperou:

— Dispomos de tempo curto; e, como não será possível ao doente acompanhar-nos, cumpre interná-lo já em algum recolhimento, aqui mesmo.

Meu avô, mau grado ao júbilo de me haver reconhecido, não guardava razoável equilíbrio: pronunciava frases desconexas, em que o nome de Ismênia era repetido a cada passo.

— Não podemos esquecer — acentuou a venerável instrutora — que o irmão Cláudio precisa de tratamento e de cuidado. E' impossível prever quando se achará em condições de respirar atmosfera mais elevada.

Assim dizendo, generosa e meiga, auscultou o velhinho semi-louco, examinando-o maternalmente.

Decorridos alguns instantes, informou:

— André, nosso enfermo, para melhorar com mais rapidez e eficiência, deveria retornar à experiência carnal.

— Neste caso, então, — disse eu, humilde — poderíamos merecer seu auxílio, Irmã?

— Como não? em se tratando de reencarnação por meras atividades reparadoras, sem projeção



nos interesses coletivos, de modo mais amplo, nosso concurso pessoal pode ser mais decisivo e imediato. Temos nestes sítios grande número de benfeitores, providenciando reencarnações em grande escala nos círculos regenerativos. Vejamos como estudar a situação futura deste irmão.

Submeteu o doente a carinhoso interrogatório.

O ancião, comovido, contou que seu genitor, ao se casar, conduziu para o lar uma filha de sua mocidade turbulenta, a qual a mãezinha acolhera com doçura. Essa irmã lhe fôra, mais tarde, ama desvelada, tornando-se-lhe credora de justa gratidão. Todavia, enceguecido pelo propósito inferior de possuir dinheiro desmedidamente, despojou-a dos bens que lhe cabiam, por ocasião do falecimento dos pais, que, vitimados por febre maligna, o haviam deixado em vésperas de casamento. Ismênia, espoliada, depois de chorar e reclamar debalde, foi compelida a homiziar-se em residência de família abastada, que lhe cedeu, por favor, um lugar de copeira com remuneração desprezível. Soube que, premida por dificuldades materiais de toda a sorte, desposara um analfabeto, homem rude e cruel, que a seviciara e lhe dera algumas filhas em dolorosas condições de miserabilidade. Exposto o desvio máximo de seu caminho, passou a comentar os indignos ideais que nutria no terreno da sovinice, estremecendo-nos os corações.

Cipriana, demonstrando-se habituada aos problemas daquela natureza, esclareceu-me:

— Já conhecemos dois pontos essenciais para os serviços que lhe competem: a necessidade da reaproximação com Ismênia, que não sabemos onde se encontre, se encarnada ou não, e o imperativo da pobreza extrema, com trabalho intensivo, para que reedue as próprias aspirações.

De posse do endereço provável dos descendentes da irmã outrora espezinhada, Cipriana recomendou a dois companheiros nossos se encarregassem de rápida investigação na Crosta Terrestre,

a fim de nos orientarmos quanto aos rumos a tomar no imprevisto acontecimento.

Os emissários não se demoraram mais do que noventa minutos.

Traziam boas novas, que me reconfortavam.

Localizaram a família a que o desditoso velho se referira em suas amargas reminiscências, e traziam sensacional informação. Amigos de nossa esfera esclareceram nos, quanto a Ismênia, que ela reencarnara e vivia na fase juvenil das forças físicas. Corporificara-se no mesmo tronco doméstico a que emprestara colaboração na época em que meu avô a expulsara do campo familiar.

Cipriana tudo ouviu, sensibilizada, e, interessando-se por nós, sugeriu organizássemos as bases da futura experiência, conquistando, sem delongas, as simpatias da jovem.

A esse tempo, já nos achávamos portas a dentro de uma organização socorrista, que recebeu a solicitação de nossa diretora em favor do enfermo, com excelente disposição de servir-nos.

Cercando de todas as atenções meu antigo credor, a estimada benfeitora frisou, dirigindo-se a mim:

— Nosso amigo, durante dois anos aproximadamente, não poderá ausentar-se desta casa de assistência fraterna. Permanece ainda profundamente identificado com a atmosfera destes sítios. Visitá-lo-emos seguidamente, amparando-o com os nossos recursos, até que possa respirar de novo os ares da Crosta. E' de notar que a mente dele não se libertará das teias da incompreensão com facilidade, e, neste estado, não volveria com êxito ao educandário da carne.

Acatei a ponderação, acompanhando o curso das providências para o caso.

Cipriana contemplou, enternecida, a entidade demente, e prosseguiu, bondosa:

— Agora, André, finalizando nossos trabalhos da semana, tentemos trazer Ismênia até aqui, para



os trabalhos preparatórios de reaproximação. Achan-do-se presentemente na juventude terrestre, provavelmente nos auxiliará no momento preciso, recebendo o irmão perturbado em seu próprio instituto doméstico. Antes de mais nada, porém, necessitamos da simpatia dela, em face do nosso programa de reerguimento.

— Se Ismênia aceitar, se consentir... — acrescentei, hesitante.

— Encarregar-nos-emos do resto — prometeu a interlocutora, decidida; o retorno de Cláudio à esfera física terá característicos muito pessoais, sem reflexos de maior importância no espírito coletivo, pelo que nós mesmos poderemos providenciar quase tudo.

Confiando o enfermo aos beneméritos companheiros que velavam na casa de amor cristão em que nos asiláramos, dirigimo-nos para o Rio, onde Ismênia seria encontrada por nós em modesto lar do Bangú.

Em plena madrugada, entrámos, respeitosos, na humilde residência.

A irmã de meu avô era agora a sexta filha daquela senhora que, na existência física, era conhecida por neta da velha Ismênia, cuja personalidade, para a família terrena, se perdera no tempo, e que não era outra senão a menina e moça, sob nossos olhos, de volta às tarefas aperfeiçoadoras da luta carnal.

Tudo ali respirava pobreza digna e adorável simplicidade.

Adiantando-se, Cipriana colocou a destra sobre a fronte da jovem adormecida, como a chamá-la até nós. Efetivamente, decorridos instantes, veio ter conosco e, reparando que nossa orientadora, envolta em luz intensa, a cobria com um gesto de bênção, ajoelhou-se, desligada da matéria, exclamando em lágrimas de júbilo:

— Mãe Celestial, quem sou eu para receber a graça de vossa visita? Sou indigna servidora...

Cobriu o rosto com as mãos, sentindo-se talvez ofuscada pela claridade sublime, e contendo, a custo, a comoção a estuar-lhe no peito; mas nossa veneranda benfeitora aproximou-se, pousou-lhe as mãos carinhosas na basta cabeleira negra e falou, compassiva:

— Minha filha, sou apenas tua irmã, tua amiga... Ouve! Quais são tuas intenções na vida?

Como a jovem erguesse para ela os olhos lacrimosos, acrescentou a nobre mensageira:

— Precisamos de tua colaboração e não desejamos ser amigos inúteis. Em que te podemos servir?

Decorreram pesados instantes de expectativa.

— Fala! — acrescentou Cipriana, prestimosa —; explica-te sem receios...

Voz entrecortada pela comoção, lembrou com ingenuidade juvenil:

— Minha mãe, se eu puder rogar-vos alguma coisa, peço-vos auxílio para Nicanor. Somos noivos, há quase dois anos, mas somos pobres. Trabalho na indústria de tecelagem, com salário reduzido, para ajudar à manutenção de nossa casa, e Nicanor é pedreiro... Temos sonhado com a organização de um lar pequeno e modesto, sob a proteção da Divina Providência. Poderemos aguardar a aprovação de Deus?

Cipriana estampou na fisionomia suma ternura materna e considerou:

— Como não? Teus desejos são justos e santificantes. Nicanor terá nosso amparo, e tuas esperanças nossa viva contribuição. Esperamos, porém, algo de teu concurso...

— Ah! em que poderia servir-vos, eu, mísera, serva que sou?

A diretora não prolongou a conversação, pedindo-lhe tão somente:

— Vem conosco!

Em seguida, com grande surpresa para mim, Cipriana cobriu-lhe o rosto com estreito véu de



substância semelhante a gaze, para que lhe não fôsse dado ver as impressionantes paisagens que deveríamos atravessar.

Sustentada por nós, dentro em pouco a moça se ajoelhava, curiosa e enternecida, ante meu avô, que, ao enxergá-la, prorrompeu em exclamações em que ressumbrava ansiedade:

— Ismênia! Ismênia! minha irmã, perdoa-me!...

Afagando-lhe as mãos, torturado, contemplava-lhe o semblante humilde:

— Oh! é ela mesma — insistia, tomado de evidente espanto —, com a mesma tristeza do dia em que a expulsei!... Que fez, porém, para ser hoje mais jovem e mais formosa?

Como a visitante guardasse silêncio, confundida, inquiria, aflito:

— Dize, dize que me perdoas, que esquecerás o mal que te fiz!

A essa altura da inopinada entrevista, Cipriana interveio, dirigindo-se a ela, interrogando:

— Nunca soubeste, em família, que tua bisavó teve um irmão...

A jovem não a deixou concluir, perguntando por sua vez:

— ...que a expulsou de casa?

— Sim.

— Minha mãe já se referiu a esse passado distante — acrescentou, melancólica.

— Não o reconheces? — tornou, afável, a benfeitora. — Não te recordas?

Nesse instante, o velhinho interferiu, excitando-lhe a memória:

— Ismênia, Ismênia! eu sou Cláudio, teu desventurado irmão...

A jovem não sabia como interpretar aquelas evocações, mas nossa diretora, cingindo-lhe os lobos frontais com as mãos, a envolvê-la em abundantes irradiações magnéticas, insistia, meiga, provocando a emersão da memória em seus mais importantes centros perispiríticos:

— Revê o pretérito, minha amiga, para bem servirmos à Obra Divina.

Notei, assombrado, que algo de anormal sucedera na mente da jovem, porque seus olhos, dantes doces e tranquilos, se tornaram dilatados e inquietos. Tentou recuar ante a súplice expressão de meu avô, mas a energia de Cipriana a conteve, evitando-lhe a expansão dos impulsos iniciais de medo e de revolta.

— Agora, sim! Lembro-me... — gemeu, aterrada.

Nossa instrutora, então, libertou-lhe a fronte e, indicando o enfermo, exclamou em tom comovedor:

— E não tens piedade?

Alguns segundos de expectativa rolaram pesadamente; contudo, o amor, sempre divino na mulher de aspirações elevadas, triunfou no olhar enternecido de Ismênia, que, plenamente modificada, se abraçou ao doente, exclamando:

— Pois és tu, Cláudio? que te aconteceu?

Traçou o ancião largo comentário de suas penas, referiu-lhe as faltas passadas, e falou-lhe, mais lúcido e contente, do conforto que a reaproximação lhe conferia.

Ela conservou-o muito tempo de encontro ao peito, fazendo-lhe sentir sua imensa ternura, sua dedicação e entendimento sem limites.

Quando pareciam perfeitamente reconciliados, Cipriana abeirou-se dela e considerou:

— Minha amiga, estimáramos receber a tua promessa de auxiliar nosso irmão Cláudio, em futuro próximo. Cooperarás conosco em favor dele, recebendo-o nos braços abnegados de mãe, se a Lei Divina autorizar teu matrimônio?

Reverente, dando-me a conhecer os tesouros de uma existência singela e humilde na Terra, a visitante exclamou:

— Se o Céu me conceder a felicidade de com algo contribuir em benefício de Cláudio, esse bene-



ficio será feito a mim mesma; e, se um dia eu receber a ventura conjugal, será nosso primeiro e bem-amado filhinho. De antemão, sei que Nicanor se regozijará com o meu compromisso.

Contemplando, enlevada, o desditoso prisioneiro das sombras, prometia:

— Partilhar-nos-á a vida pobre e honrada, conhecerá as alegrias do pão, filho do suor com a Proteção Divina, e olvidará, em nossa companhia, as ilusões que por tanto tempo nos separaram...

Evidenciando deliciosa singeleza de coração, projetava em êxtase:

— Será um pedreiro feliz, como Nicanor! abençoará a luta digna que atualmente bendizemos!...

Como chorasse, comovida, Cipriana abraçou-a, também tocada no coração e de olhos húmidos, assegurando:

— Bem-aventurada sejas tu, querida filha, que compreendes conosco o celestial ministério da mulher nobre, sempre disposta à maternidade sublime.

Mais alguns minutos decorreram em salutares entendimentos, e, quando o Sol engrinaldava o horizonte de tonalidades diamantinas, de novo estávamos no modesto aposento de Ismênia, ajudando-a a retomar o aparelho fisiológico e a olvidar a ocorrência que vivera, junto de nós, na esfera do Espírito.

Acordou no veículo pesado, experimentando ignoto júbilo. Tinha a mente refrescada de ideias felizes. Teve a nítida impressão de que tornava de maravilhosa romagem, cujas minúcias não conseguiria precisar. Sem saber como, guardava, naquele instante, absoluta certeza de que se casaria e de que Deus lhe reservava ditoso porvir.

Quem poderia definir-nos o reconhecimento e a admiração daquela hora? Meus companheiros abençoaram-na, e, eu, por minha vez, despedindo-me dela comovidamente, osculei-lhe a destra minúscula, num beijo silencioso de profunda amizade e de indizível gratidão.

## XX

## NO LAR DE CIPRIANA

Encerrada a semana de estudos que me propusera e guardando valores novos no espírito, acompanhei Calderaro, em pleno crepúsculo, à benemérita fundação nas zonas inferiores, a que o Assistente chamara "Lar de Cipriana".

Extremamente perplexo ante o problema que me demandava a atenção, qual o do reencontro inesperado com meu avô, não me sobravam, agora, motivos para longas perquirições de ordem filosófico-científica junto à privilegiada cultura do instrutor, prestes a despedir-se.

A pesquisa cederia lugar à meditação, o raciocínio ao sentimento. Recolhera extenso material referente às manifestações da mente, obtendo valiosas conclusões para definir os desequilíbrios da alma; examinara diversos doentes, com os quais travara relações; identificara moléstias cujas causas se prendiam às mais profundas e menos conhecidas raízes do espírito; entre as novidades, porém, encontrara um enfermo que me transferira da ardente curiosidade intelectual às acuradas reflexões no tangente ao destino e ao ser.

Reconhecia, agora, que, para conseguir a sabedoria com proveito, era indispensável adquirir amor.

Naqueles instantes, calavam em meu ser as perguntas inquietas, sofreadas pelo coração dolorido.

Poderia, em verdade, ter avançado muito no domínio dos conhecimentos novos, conquistado simpatias prestigiosas, renovado as concepções da vida e do Universo, melhorando-as; no entanto, de que